

# Estilística da existência e suicídio: atitude de excesso

*Stylistics of existence and suicide: an attitude of excess*

**Stela Maris da Silva**

Universidade Estadual do Paraná – Campus Curitiba II, Brasil  
[stela.silva@ies.unespar.edu.br](mailto:stela.silva@ies.unespar.edu.br)

**Resumo:** Algumas das noções fundamentais deixadas por Foucault para pensarmos sobre a atualização do presente são a de experiência e de deslocamento. Tomando como o fio condutor a atualização do tema suicídio, o objetivo desse texto é pensar com Foucault, a partir dos estudos que ele realizou sobre a Antiguidade, em especial em Sêneca, quanto ao deslocamento do valor binário de salvação da vida ante a morte, para uma prática de si como processo, no cuidado de si, como *parresia* cínica, ou seja, o suicídio em sua verdade escandalosa. Observado por Foucault, tal deslocamento aparece, por exemplo, nos posicionamentos de Sêneca ao considerar covardia o fato de esperar a morte de modo passivo, sem se saber qual delas se prolonga, se a vida ou a morte. Na Antiguidade, os cínicos eram uma expressão da *parresia* e afrontavam as pessoas com seus valores. Desvelavam aquilo que a cegueira do assujeitamento não as permite enxergar.

**Palavras-chave:** Michel Foucault; Suicídio; Sêneca; Cínicos; *Parresia*

**Abstract:** Some of the central cognitions written by Foucault for us to think about updating the present have regarded about experience and displacement. Taking updating of suicide theme as the guiding thread, this text aims at thinking with Foucault, based on the studies he carried out on Antiquity, especially on Seneca, concerning the displacement of the binary value of saving life in face of death, for a self-practice as a process, in self-care, as cynical parrhesia, that is, suicide in its scandalous truth. Observed by Foucault, such displacement emerges, for example, in Seneca's point of view, when he considers cowardice to passively wait for death, without knowing which one lasts, whether life or death. In ancient times, Cynics were an expression of parrhesia and confronted people with their values. And they revealed what blindness of subordination does not allow them to see.

**Keywords:** Michel Foucault; Suicide; Seneca; Cynics; *Parrhesia*

Fecha de recepción: 10/11/2023. Fecha de aceptación: 17/12/2023.

Stela Maris da Silva. Pós-Doutora em Filosofia, mestre em Psicologia, graduada em Filosofia; atua na Universidade Estadual do Paraná- Campus Curitiba II, Curitiba Pr. Brasil, como docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PROF-FILO, Campus União da Vitória e em diferentes cursos de Graduação na área de artes com interesses no campo da Filosofia contemporânea francesa, em especial Michel Foucault, e arte; É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Arte e do Grupo de Filosofia Francesa Contemporânea do DGP do Brasil. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura. Possui publicações na área da filosofia, ética e estética.

“Existe uma gravidade no frívolo,  
uma grandeza em todas as loucuras,  
uma força em todos os excessos”  
(Charles Baudelaire)

## 1. Considerações iniciais

Escrever sobre suicídio como excesso, numa perspectiva da estilística da existência, da *parresía* cínica, tem força, demanda atualização, é experiência para não pensar o mesmo que pensara antes. Michel Foucault dizia que o trabalho do intelectual “não é moldar a vontade política dos outros; é, através das análises que faz nos campos que são os seus, o de interrogar novamente as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas [...]”.<sup>1</sup>

Postulados no âmbito das instituições sociais tratam o suicídio como um tipo de morte de muito difícil aceitação. É uma morte rejeitada, que escandaliza. Vale lembrar que o termo “escândalo” pode ser entendido no âmbito do escândalo cínico, aquele que provoca, inquieta como *parresía*, que torna visível o que não se quer ver.

Para dar início a esta escrita, evoco a expressão de Foucault: “Eu sou um experimentador e não um teórico [...] escrevo para me mudar e não pensar a mesma coisa de antes”<sup>2</sup>, pois, como experimentadora, o que pretendo ao pesquisar a obra de Foucault é mudar o modo de pensar o suicídio, a partir de um deslocamento do valor binário de salvação da vida ante a morte, para uma prática de si como processo, no cuidado de si, como *parresía* cínica, ou seja, o suicídio em sua verdade escandalosa.

Assim, tomando como fio condutor a atualização do tema suicídio, o objetivo deste texto é argumentar, com Foucault, o deslocamento de tal valor binário para a visão de uma prática de si como processo, em sua verdade escandalosa da *parresía* cínica, em sua atitude de excesso. Para fazer deslocamentos, é preciso situar o que foi observado por Foucault no chamado período helenístico romano (séculos I e II). Ele viu, por exemplo, nos posicionamentos de Sêneca (4 a.C.–65 d.C.), filósofo, escritor e político romano, um modo diferente de ver a vida e a morte, pois considerava covardia esperar a morte de modo passivo, sem se saber o que se prolonga, a vida ou a morte. Diante de estados de degeneração do corpo, dos sentidos, da inteligência, de um estar quase morto, dizia ele que se tal situação viesse a acontecer, sairia desse podre e arruinado edifício. A atitude do poder sobre a morte era justificada por Sêneca pela crença de que somente nessa situação

1 FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits, II*. Gallimard, Paris, 2001, 1495.

2 FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits, II*, 861.

alguém pode ser totalmente livre, e numa atualização diria, acrescente-se, ser ele um *parresiasta* cínico. A saúde de Sêneca era bastante frágil, vivia perigosamente a política. Tinha mais de 60 anos, talvez por isso se dedicou, especialmente em *Cartas a Lucílio*, ao tema da morte. São 22 livros, 124 epístolas que tratam da moral e da virtude, da vida e da morte, e da filosofia na vida do cidadão.

O deslocamento observado por Foucault estava no contexto de seus estudos, quando ele, retomando a Antiguidade, anunciou não só o cuidado de si, mas a *parresía* e a *parresía* cínica. Tenho como hipótese que, no âmbito do cuidado de si, poder-se-ia pensar o suicídio enquanto um ato de fazer a morte de si, ato esse portador de uma verdade escandalosa, em sua atitude de excesso em relação à vida.

Vale lembrar que antes de Sêneca já havia alguns posicionamentos sobre o ato do suicídio. Platão se colocava contrário ante a problemática do suicídio, justificando por ser a vida um favor dos deuses e, portanto, não se podendo fugir das suas benevolências. Assim, o ato do suicida é um desacato à vida. Num caso de doença, ou de se considerar a vida um bem superior, ainda há de se esperar que o benefício venha de outrem. Diferentemente, os estoicos, ao pensarem na vida como obra de arte, viam a possibilidade para o suicídio como um ato corajoso diante de situações extremas, como forma de cuidado de si. Eles priorizaram o domínio sobre si e a alma serena, e para isso as paixões que agitam a alma devem ser suprimidas. O medo da morte, um sofrimento causado pelo luto por um ente que morrera são paixões, e elas não deveriam causar dor. A felicidade não estaria vinculada ao adverso na vida, mas à tomada de posição diante de tal acontecimento. Sêneca sofre essa influência.

No curso *A Hermenêutica do sujeito*, aula de 17 de fevereiro de 1982, segunda hora, Foucault está falando da “visão do alto sobre si, que engloba o mundo de que se faz parte e que assegura assim a liberdade do sujeito nesse próprio mundo”.<sup>3</sup> É uma forma de experiência espiritual observada na cultura ocidental, que ele encontrou em textos estoicos, mas sobretudo em Sêneca. Foucault salienta o caso de Márcia, que perde seus filhos, caso escrito em *Consolação de Márcia*, onde Sêneca usa de argumentos estoicos, mas traz a experiência, “faz referência à possibilidade de um olhar do alto sobre o mundo”.<sup>4</sup> Na mesma aula, mais ao final, ainda comentando o texto de Sêneca, afirma que a escolha não se refere à vida, viver bem ou mal, mas sim deliberar sobre o que se quer ou não viver.

O simétrico do suicídio está dado aqui: tu podes deliberar, é dito a Márcia neste mito, para saber se queres ou não viver; mas saibas bem que, se escolheres viver, será a totalidade desse mundo — desse mundo que se expôs aos seus olhos, com suas maravilhas e dores — que terás escolhido.<sup>5</sup>

3 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Martins Fontes, São Paulo, 2004, 344.

4 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 345.

5 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 347.

## 2. A coragem da verdade em sua relação consigo

Márcia precisa ter a coragem da verdade da vida, a verdade da relação consigo, da escolha do morrer ou viver. Destaca Foucault que as ideias sobre *parresía* têm muitas nuances em Sêneca, ainda que não tenha sido nominada enquanto tal no que se refere ao trabalho sobre o si mesmo e sobre o outro.

Baseado nas leituras do período da Antiguidade, Foucault desenvolveu, no curso de 1984, *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1993–1994)*, o conceito de verdade “decididamente original e que encontra, segundo ele, na filosofia antiga uma inscrição maior, largamente ocultada pelo regime moderno dos discursos e dos saberes”.<sup>6</sup> Faz isso, como já havia feito no ano anterior, por meio do estudo dos modos de veridicção, da análise das formas de governamentalidade, e de uma descrição das técnicas de subjetivação.<sup>7</sup> *A noção de parresía*, apresentada em 1982 e 1983, é desenvolvida nesse marco teórico. O dizer-a-verdade da *parresía*, distinguindo-se do dizer a verdade do ensino, da profecia e da sabedoria, inscreve-se no tipo de relação do sujeito consigo e com o outro.

Na aula do dia 29 de fevereiro desse curso, ele retoma o tratado na aula anterior, ou seja, a prática da veridicção, de *parresía* ética, considerada por ele útil para o bom governo e salvação da cidade. Tal noção, fundada na prática socrática, especialmente no *Laques*, exemplo de *parresía* ética, por tratar do tema da verdade da coragem, e da relação entre o uso da fala franca (*parresía*) e o cuidar de si (*epiméleia heautoû*), se “por um lado, portanto, faz o vínculo, o círculo verdade da coragem/coragem da verdade, e por outro lado, o vínculo, o pertencimento, da prática da *parresía* ao grande tema do cuidado de si mesmo”.<sup>8</sup>

Ainda que útil para o bom governo da cidade, ali já estava assinalada a *parresía* ética grega em suas deferentes formas, objetivos e domínios de aplicação. Foucault retoma o *Laques* para destacar a fala franca, a coragem de dizer a verdade, mas, sobretudo, o usar essa fala franca, a *parresía*, e o princípio de ter de se aplicar a si mesmo, de cuidar de si (*epiméleia heautoû*).

Quanto à *parresía* cínica, observa-se Foucault trazendo Sêneca e a vida não dissimulada. Logo na segunda aula, de 14 de março, quando Foucault fala sobre os quatro aspectos da vida cínica — a vida não dissimulada, a vida independente, a vida reta e a vida soberana, senhora de si —, ele cita Sêneca apontando que nele poderíamos encontrar uma série de desenvolvimentos interessantes sobre o que é a vida não dissimulada. Diz ele:

Sêneca via a verdadeira vida que a gente deve viver como se estivesse sempre diante do olhar dos outros em geral, mas sobretudo e de

6 FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité: le gouvernement de soi et des autres II* [A coragem da verdade: o governo de si e dos outros]. Cours au Collège de France (1983-1984) Ed. établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Gallimard, Paris; Seuil, Ehes, 2009, 315.

7 Cf. FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité*, 315.

8 FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité*, 146.

preferência diante dos olhos, do controle, do amigo, o amigo que é ao mesmo tempo o guia exigente e a testemunha. Para Sêneca, a própria prática da correspondência, da troca de cartas, tornando presentes um ao outro o autor da missiva e seu destinatário, tinha precisamente esse papel de pôr de certo modo a existência dos dois correspondentes ante o olhar de cada um deles, cada um ante o olhar do outro. De um lado, o autor da carta constitui, para aquele a quem ele endereça seus conselhos e suas opiniões, uma espécie de olho, de princípio de vigilância.<sup>9</sup>

Foucault, no texto de 1983 *L'écriture de soi*, destaca na escrita de si a escrita com função *etopoiética*, tal como aparece em documentos dos séculos I e II. Uma escrita de cartas, *correspondências* e, em especial, os *hupomnêmata*, que teriam o papel de operadoras da transformação da verdade do êthos. Ao tratar da correspondência, cita as Cartas de Sêneca:

As Cartas de Sêneca mostram uma atividade de direção exercida por um homem idoso e já aposentado sobre um outro que ainda ocupa importantes funções públicas. Porém, nessas cartas, Sêneca não se limita a se informar sobre Lucilius e seus progressos; não se contenta em dar-lhe conselhos e comentar para ele alguns grandes princípios de conduta. Através dessas lições escritas, Sêneca continua a se exercitar, devido a dois princípios por ele frequentemente invocados: o de que é necessário adestrar-se durante toda a vida, e o de que sempre se precisa da ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma.<sup>10</sup>

No movimento, ocorrido entre o século III a.C. e o século II d.C., as questões sobre a verdade, matriz de uma teoria do conhecimento, da política e da conduta individual, foram dando lugar às verdades úteis, abrindo espaço para uma filosofia que não tivesse preocupação com a verdade em geral, e sim da moral.

Pouco antes de sua morte, Foucault deu a última entrevista, com o título *Le retour de la morale*<sup>11</sup>, na qual ele reafirmava a estilística da existência nos seguintes termos:

A busca de estilos de existência, tão diferentes quanto possível uns dos outros, me parece um dos pontos pelos quais a investigação contemporânea pôde se inaugurar na antiguidade em grupos singulares. A busca de uma forma de moral que seria aceitável para todos — no sentido de que todos devam submeter-se a ela — parece-me catastrófica.<sup>12</sup>

A estilização da relação consigo mesmo, um certo estilo de conduta, a busca de estilos tão diferentes quanto possível foi, na visão de Foucault, central na experiência antiga. Entretanto, os antigos queriam descobrir um estilo, uma

9 FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité*, 231-232.

10 FOUCAULT, Michel. «Un plaisir si simple». Em *Dits et écrites, II*. Gallimard, Paris, 2001, 778.

11 FOUCAULT, Michel. «Le retour de la morale». Em *Dits et écrites, II*. Gallimard, Paris, 2001, 1515.

12 FOUCAULT, Michel. «Le retour de la morale», 1525.

unidade de “moral de estilo” que pudesse ser comum a todos. Essa começou a ser pensada no Império Romano (séculos II e III), o que pode ser observado, “mais ou menos obscuramente, com Sêneca e Epícteto, mas que só encontrou a possibilidade de se investir no interior de um estilo religioso”.<sup>13</sup> Ou seja, essa busca por um estilo comum pode ter sido um equívoco, pois alimentou um estilo religioso, um modo de pensamento retomado no cristianismo.

Em que pese o uso que foi feito dela, a questão do estilo de existência inaugurada na Antiguidade põe em discussão a relação do indivíduo consigo mesmo, uma relação que rompe com os modos de ser que tenham base em fundamentos universais pressupostos, que negue as relações de poder dominadoras, que não busque uma verdade interior e sim a verdade dada ao conhecimento e à experiência. Um sujeito livre daquilo que foi atribuído a ele por uma moral codificada.

Quando Foucault tratou da relação consigo, da cultura de si, do *cura sui* nas aulas de 1982 *A hermenêutica do sujeito*, ele menciona Sêneca na constituição do *cura sui*, ou seja, na constituição de uma atitude filosófica da *epiméleia heautoû* (cuidado de si) e suas relações com o *ghôthi seautôn* (conhece-te a ti mesmo). Pode-se afirmar que Sêneca faz parte do processo de constituição de uma *cura sui* como um princípio fundamental que caracterizou o que seria uma atitude filosófica, tanto para a cultura grega como para a cultura romana.

Na primeira aula de 6 de janeiro de 1982, ao anunciar a questão a ser tratada no curso, ou seja, “em que forma histórica foram tramadas, no Ocidente, as relações, que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual, entre esses dois elementos, o ‘sujeito’ e a ‘verdade’”<sup>14</sup>, ele toma como ponto de partida a noção de “cuidado de si”, o que ele define como uma noção grega complexa e rica, mas também a noção de *epiméleia heautoû*, traduzida pelos latinos de *cura soi*. É um trabalho sobre si constitutivo do êthos, uma atitude que implica a relação consigo mesmo, a relação com os outros e a relação com a verdade. É um ocupar-se de si, um dominar-se, transformar-se na própria relação consigo mesmo, independente de prescrições.

Segundo Foucault, a noção de *epiméleia heautoû* pode ser retomada, pelo menos como hipótese de trabalho, para mostrar a evolução do exercício filosófico até o asceticismo cristão, podendo ser considerado um fio condutor possível para análise. Levantou a questão do valor atribuído ao “conhece-te a ti mesmo” e à desvalorização da noção de “inquietação de si mesmo”; a noção de *epiméleia heautoû* esteve presente em diferentes formas e práticas filosóficas ou espirituais, com formulações de caráter positivo e moral como “ocupar-se de si mesmo”, “cuidar-se de si” etc. Paradoxalmente, a partir dessa noção, como afirmado anteriormente, também se desenvolveram morais austeras nos primeiros séculos antes da era cristã, que reapareceram na moral cristã e no mundo moderno. As regras rígidas

13 FOUCAULT, Michel. «Le retour de la morale», 1517.

14 FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, 4.

encontradas nos códigos foram sendo modificadas no contexto de uma ética do egoísmo, seja no renunciar a si mesmo do cristianismo, seja na obrigação com a coletividade da moral moderna.

A noção de *epiméleia heautoû*, desde Sócrates até o asceticismo cristão, foi se modificando, se ampliando, e surgem diferentes significações básicas: uma primeira refere-se à atitude, ou ao modo determinado com relação a si mesmo, aos outros e ao modo de ver o mundo; uma segunda noção refere-se ao modo de ver o mundo, os outros e a si mesmo, prestando atenção ao que se pensa sobre eles; uma terceira noção refere-se àquelas ações que se faz para transformar-se a si mesmo.

Esta última acepção de *epiméleia heautoû* parece estar expressa na passagem de Fernando Pessoa no *Livro do desassossego*, com a qual finalizo esta parte do texto:

A vida prática sempre me pareceu o menos cómodo dos suicídios. Agir foi sempre para mim a condenação violenta do sonho injustamente condenado. Ter influência no mundo exterior, alterar coisas, transpor entes, influir em gente — tudo isto pareceu-me sempre de uma substância mais nebulosa que a dos meus devaneios. A futilidade imanente de todas as formas da acção foi, desde a minha infância, uma das medidas mais queridas de meu desapego até de mim. Agir é reagir contra si próprio. Influenciar é sair de casa. Sempre meditei como era absurdo que, onde a realidade substancial é uma série de sensações, houvesse coisas tão complicadamente simples como comércios, indústrias, relações sociais e familiares, tão desoladoramente incompreensíveis perante a atitude interior da alma para com a ideia de verdade.<sup>15</sup>

### 3. A coragem da verdade em sua característica cínica

A obra *Diógenes*, de Jean-Léon Gérôme, a título de ilustração, traz uma referência à vida verdadeira enquanto “vida outra”, que tem importante valor filosófico na história do cinismo. É a *parresia* cínica que se expressa com Diógenes de Sinope<sup>16</sup>, na medida em que ele foi um personagem central do cinismo antigo, por seu modo de vida verdadeiro. Representante importante do cinismo, era filho de um banqueiro, e foi exilado de Sinope por adulterar moedas da cidade. A alteração de moedas “[...] viria a se tornar uma metáfora central para a atividade filosófica de Diógenes: eliminar a moeda falsificada da sabedoria convencional para dar espaço à vida cínica autêntica”.<sup>17</sup>

15 PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Unicamp, Campinas, 1994, 171-172.

16 Para ilustrar como os cínicos foram representados na história, vale mencionar que Diógenes de Sinope aparece bem representado em *La scuola de Atene*, de Rafael, em afresco de uma das paredes da *Stanza della Segnatura*, no Vaticano. Rafael o representa sentado em um dos degraus que levam ao espaço onde estão Platão e Aristóteles, centrais na cena de Rafael. De modo esparramado e isolado, cabelo e barba espessos, está lendo um papiro.

17 GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. Loyola, São Paulo, 2007, 18.

A prática cínica tem uma articulação estreita com o princípio do dizer-a-verdade ilimitado e corajoso, portanto, pode ser vista enquanto forma de existência como escândalo vivo da verdade. Tal prática manifesta-se, ao longo da história do Ocidente, através de possíveis suportes de transferência do modo de ser cínico.

A história da coragem da verdade e sua importância na filosofia antiga, na visão de Foucault, configuram-se, esquematicamente, de três formas: na bravura política, na ironia socrática e na coragem cínica. A primeira, também chamada por ele de ousadia política, consiste no falar algo diferente, contrariando a assembleia; a ironia socrática consiste num modo de fazer as pessoas dizerem o que sabem, mas, ao mesmo tempo, fazê-las reconhecer que apenas pensam que sabem e, assim, conduzi-las a tomar cuidado consigo. A terceira forma da coragem da verdade se caracteriza como cinismo, como escândalo de verdade, o que coloca a coragem relacionada ao risco à própria vida.

Na aula de 29 de fevereiro, do curso de 1984, Foucault afirma que o cinismo parece uma forma de filosofia em que o dizer a verdade está diretamente ligado ao modo de vida. Trata-se de uma nova dimensão da *parresía*, a qual se apresenta como desdobramento da tradição socrática do dizer a verdade. Diógenes Laércio (século III d.C.), Dion Crisóstomo (40–120 d.C.), Epicteto (50–135 d.C.), os textos satíricos ou críticos de Luciano (361–363 d.C.) e Juliano, o Apóstata (331–363 d.C.), são nomes citados por Foucault naquela aula.

Diógenes provocava os filósofos, alertando-os sobre a inutilidade dos sofrimentos gerados por negócios, família ou política, fazia fortes críticas aos que escreviam seus longos tratados, com extensos argumentos, enquanto ele, o cínico, com uma boa palavra, deixava o seu interlocutor impotente e envergonhado.<sup>18</sup> Referia-se, assim, aos homens que estavam à procura de homens senhores de si, homens com sua lanterna.

A “vida outra” como manifestação de si é ao mesmo tempo um modo de existência cuja tarefa é a de mostrar, por meio do discurso, que o outro está no erro, onde não se deve estar. Ela exige regras, condições, modos muito característicos. Portanto, tal prática é forma de vida, é uma *tékhnē tou bios* articulada ao princípio do dizer-a-verdade corajosamente. Esse modo de vida é condição de possibilidade para a prática da *parresía*, na qual um franco falar é primordial para o cínico, aquele em que *bios* e *logos* estão relacionados, sendo o *logos* sempre encarnação do *bios*.

Vale lembrar que Luciano (datas estimadas: 115 d.C. e 125 d.C.), conhecido como Luciano de Samósata, tem uma produção de mais ou menos 80 textos, influenciando vários literatos, tais como Erasmo de Roterdã e outros. As obras de Luciano podem ser divididas conforme o objetivo: *Hermótimo* e *Os ressuscitados* são textos que fazem uma crítica aos filósofos; *O banquete* e *Venda de filósofos* tratam

<sup>18</sup> Cf. PAQUET, Léonce. *Les cyniques grecs*. Fragments et témoignages. Librairie Générale Française, Paris, 1992, 8.

de filósofos e as suas diferentes correntes filosóficas; *Sobre a morte de Peregrino e Demônax* tratam de personagens históricos, respectivamente, dos vícios de um pseudofilósofo e das virtudes do filósofo ideal.

A *áskesis* cínica era de posicionamento contrário ao que chamavam de adversários existenciais, tais como a fome, a pobreza, dentre outras, sendo a morte a única luta a ser vencida. Quando faz a troca da efigie de uma moeda por outra, deixando que a falsa fique circulando como verdadeira, essa troca da imagem da moeda faz com que a verdadeira vida desabroche, ou que o véu da falsidade se desfaça. A prática da verdade, para o cínico, só poderá “se transfigurar e se tornar outra para alcançar o que ele é em sua verdade à custa de uma mudança, de uma alteração completa, a mudança e a alteração completa na relação que temos conosco”.<sup>19</sup>

O cínico está sempre pronto a “latir”, sendo o “latir” forma da coragem cínica, contra a mediocridade ou a hipocrisia das pessoas, pois não aceita qualquer forma de alienação, conformismo ou superstição.

Na Antiguidade, o cinismo configurava-se, como já afirmado neste texto, na expressão da *parresia*, pois afrontava as pessoas com os seus próprios valores, desvelava aquilo que a cegueira do assujeitamento não as permite enxergar, atrai e repele, ao que Foucault chama de ecletismo de efeito inverso.<sup>20</sup> Para os cínicos, a verdade deveria ser resultado do modo de vida, proclamada para que fosse de livre acesso para todos. A verdade do *bíos* e a verdade do *lógos*, a prática da vida e o discurso de verdade, constituem a atitude cínica.

A história do cinismo foi marcada pela atitude, como um modo de ser que mantém o próprio discurso que se justifica. Desse ponto de vista, Foucault afirma que parece ser possível fazer “uma história do cinismo da Antiguidade até nós”.<sup>21</sup> O modo como o cínico vive está vivo, pois é a manifestação de si como *bíos*, é um modo de existência que provoca as pessoas para que manifestem a sua verdade, numa deslocação radical da verdade para a vida, ou seja, que manifestem a outra vida que não é a verdadeira.

Com efeito, o cínico é o soberano de si, aquele que torna possível a vida corajosa de dizer a verdade na relação consigo mesmo e com os outros, é zelador do seu próprio pensamento na medida de si. A vida verdadeira só pode acontecer como vida outra, e é do ponto de vista dessa vida outra que vai se fazer aparecer a vida comum das pessoas comuns como sendo precisamente outra que não a verdadeira.

A vida verdadeira enquanto vida outra parece abordada por Sêneca quando afirma que somos piores ao morrer do que ao viver, posto que nascemos sem maldades ou vícios ou medos. A estadia aqui na terra é de vida, e essa precede a

19 CLAY, Diskin. «Representação de Diógenes». Em GOULET-CAZÉ, M.-O.; BRANHAM, B. (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu Legado*. Loyola, São Paulo, 2007, 278.

20 CLAY, Diskin. «Representação de Diógenes», 204.

21 FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité*, 164.

morte, um não-ser da vida. A morte não é, em si, um mal, tampouco um bem. Ora, se não é uma coisa nem outra, poderíamos afirmar com Foucault, é atitude. Uma atitude caracterizada como a encarnação radical entre *bíos* e *logos*. A atitude cínica como modo de vida se caracteriza como *parresía* em sua nova dimensão, ou seja, como modo de vida.

Enquanto *parresía*, a morte, conforme escreve Sêneca, não chega em um átimo, mas se avança paulatinamente para ela: morremos diariamente, caminhamos para ela.

#### 4. Suicídio: uma possibilidade decisiva da estética da existência — algumas considerações para finalizar

Suicídio é um tipo especial de morte. Foi tratado pelos estoicos não só como a possibilidade final da vida, mas como a possibilidade decisiva da estética da existência.

A título de ilustração e de abrir um espaço para “pensar pictoricamente” a temática da morte por suicídio, propõe-se observar a obra ganhadora do primeiro prêmio na Exposição Nacional de Belas Artes em 1871, pois é um marco no retorno de temas clássicos e polêmicos, em geral de cunho moral, da pintura espanhola.<sup>22</sup> A obra apresenta o momento em que amigos choram a morte de Sêneca, que, tendo sido acusado por Nero de traição, foi condenado a ser executado, mas, antes, tirou a própria vida, cortando as veias e tomando veneno. Cometeu suicídio.

*La muerte de Séneca* (1871) é uma obra do mesmo período histórico de *Le suicidé* (1877),<sup>23</sup> entretanto, é muito mais conhecida que a pintura com o mesmo tema de Manet. *Le suicidé* é uma obra de Manet que não foi estudada por Foucault em *La peinture de Manet* e também não é mencionada em outros estudos. Porém, chama atenção o fato de a obra de Manet ser pouco comentada e até marginalizada no mercado de arte. De certo modo, o escândalo de *Le suicidé* é não ter sido considerada.

A propósito da obra de Manuel Dominguez Sanches, temos uma breve noção do que é o suicídio para Sêneca. O suicídio — e, conseqüentemente, a morte — é caminho do bem próprio do homem, a capacidade de desprendimento da servidão, do poder. Mais especificamente, Sêneca pensava o suicídio não só como a possibilidade final, mas, eventualmente, como a possibilidade decisiva, daquilo que Foucault coloca no contexto da “estética da existência”.<sup>24</sup> Mas, pode ocorrer

22 SANCHES, Manuel Dominguez [1871] *La muerte de Séneca*. Pintura, óleo sobre tela, 270 x 450 cm. Disponível em <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/the-death-of-seneca/7a5faebf-1111-4d01-bc18-c47c771533c0>.

23 Título: *Le suicidé*. Data: 1877. Caracterização: Óleo sobre tela, 38 x 46 cm. Assinado no canto inferior direito: Manet. Localização: na coleção Bührle, de Zurique, na Suíça. Disponível em <https://www.buehrle.ch/en/collection/artwork/detail/the-suicide/>.

24 SERRA, Joaquim Mateus Paulo. *O suicídio considerado como uma das Belas Artes*. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008, 5.

que o ato decorra de fatores outros que se opõem justamente a uma decisão do livre do sujeito. Ora, surge a suspeita da derrota vitoriosa, em que a única saída é evadir-se. Diante da difícil compreensão do ato, em geral, rejeita-se. A rejeição das práticas de tentativa ou mesmo a ação de pôr fim à vida foi qualificada ou não por discursos, imagens, saberes e poderes.

Contudo, é relevante apontar a visão de Foucault, em especial sobre a inutilidade dos questionamentos sobre os porquês de uma pessoa cometer o suicídio. Isso talvez queira dizer que a decisão de morte é algo da ordem da pessoa, e não de um olhar psiquiatrizado que busca a cura. Em *Um plaisir si simple*, escreve Foucault:

Vamos conversar um pouco a favor do suicídio. Não por direito, sobre o qual muitas pessoas disseram tantas coisas bonitas. Mas contra a realidade mesquinha que o criou. Contra a humilhação, as hipocrisias, os passos sombrios aos quais ele é forçado: ressuscitar a clandestinidade, [...] encontre uma boa navalha sólida do passado, procure na janela de um armeiro, entre tentando compor uma mina.<sup>25</sup>

E continua dizendo que deveríamos discutir a qualidade de cada arma, os seus efeitos, diz que o vendedor poderia ser experiente, encorajador nas explicações, mas reservado. E assim ele fala de uma “festa suicida”, “orgia suicida”, como fórmulas, e que existem outras que podem ser aprendidas e mais pensadas. Finalizo esta escrita, talvez uma correspondência com a citação de Foucault:

Não é admissível que não nos permitam prepararmos nós mesmos com todo o cuidado, a intensidade e o ardor que desejamos, e as algumas culplicidades de que temos vontade, esse algo ao qual pensamos há muito tempo, de que fizemos o projeto desde, uma noite de verão, talvez, nossa infância. Parece que a vida é frágil na espécie humana e a morte, certa. Por que é preciso que nos façam dessa certeza um acaso, que ganha, por seu caráter repentino ou inevitável, os ares de uma punição.<sup>26</sup>

Ora, se o ato de verdade amoroso, tanto na vida quanto na morte, é um ato de coragem como uma experiência *parresíastica* de cuidado consigo e com o outro, me desloco constantemente com “eros” para a verdade da arte da vida onde o risco atualiza, numa enunciação crítica de mim mesma, na provação de mim mesma, uma “vida outra” (Stela Maris).

25 FOUCAULT, Michel. «Un plaisir si simple», 777.

26 FOUCAULT, Michel. «L'écriture de soi». Em *Dits et écrites, II*. Gallimard, Paris, 2001, 1242.

## 5. Referências

- CLAY, Diskin. «Representação de Diógenes». Em GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu Legado*. Loyola, São Paulo, 2007, 397-418.
- FOUCAULT, Michel. «L'écriture de soi». Em *Dits et écrites, II*. Gallimard, Paris, 2001.
- FOUCAULT, Michel. «Le retour de la morale» Em *Dits et écrits, II*. Gallimard, Paris, 2001.
- FOUCAULT, Michel. «Un plaisir si simple». Em *Dits et écrites, II*. Gallimard, Paris, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité: le gouvernement de soi et des autres II* [A coragem da verdade: o governo de si e dos outros]. Cours au Collège de France (1983-1984) Ed. établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Gallimard, Paris; Seuil, Ehess, 2009.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. Loyola, São Paulo, 2007.
- PAQUET, Léonce. *Les cyniques grecs*. Fragments et témoignages. Librairie Générale Française, Paris, 1992.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Unicamp, Campinas, 1994.
- SÊNECA, Lucio Anneo. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2014.
- SERRA, Joaquim Mateus Paulo. *O suicídio considerado como uma das Belas Artes*. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008.